

## Michael Meyer\*

Nesse ano [1888] esperava-se de Ibsen uma nova peça, tanto mais que as receitas do ano anterior tinham sido fracas. Assim, a 5 de Junho, Ibsen lançou rapidamente ao papel as primeiras notas:

“O poder magnético do mar. O apelo do mar. Os seres humanos na sua relação profunda com o mar. Limitados pelo mar. Dependentes do mar. Compelidos a regressarem a ele. Uma certa espécie de peixe é um elo vital na cadeia da evolução. Persistirão os seus vestígios na mente humana? Na mente de certos indivíduos?

Imagens de um mar repleto de vida e ‘daquilo que se perdeu para sempre’.

O mar exerce influência sobre o nosso estado de espírito, tem como que vontade própria. O mar pode hipnotizar. Assim como a natureza em geral. [...] Ela veio do mar. [...] Pois estava secretamente noiva do jovem e estouvado marinheiro. [...] No fundo, instintivamente, é ele o homem com quem ela vive maritalmente”.

Cinco dias depois de redigir estas notas, Ibsen começou a escrever o primeiro acto, dando à peça o título provisório de *A Sereia*, cuja primeira versão ficou completa em apenas sete semanas. [...] A 25 de Setembro enviou uma cópia a Jacob Hegel. “O trabalho demorou um pouco mais do que eu tinha calculado”, escreveu a Hegel no dia seguinte, “mas espero que saia dentro da data prevista, desde que se possa avançar de imediato com a impressão. Peço-lhe por favor que imprima em último lugar a página do título e que o mantenha em segredo – do mesmo modo, conto com o máximo de discrição por parte dos tipógrafos. [...] Estou convencido de que esta peça suscitará interesse geral. Representa, em muitos aspectos, uma nova direcção”.

\* Excerto de “*The Lady from the Sea, and the breakthrough in England*”. In *Ibsen*. Stroud: Sutton, 2004. p. 431.  
Trad. Rui Pires Cabral.

Publicado em:  
*A Dama do Mar*. [Programa]. Porto: Teatro Nacional São João, 2008.